

A CASA DAS DOZE JANELAS E O TEATRO DA MEMÓRIA DO VIVER NA CAATINGA BAIANA DO SÉCULO XX

THE HOUSE OF TWELVE WINDOWS AND THE THEATER OF MEMORY OF LIFE IN BAHIA'S CAATINGA DURING THE 20TH CENTURY

Luiz Alberto Ribeiro Freire

CASA DAS 12 JANELAS
BAHIA
BARRO VERMELHO
SÉCULO XX
TEATRO DA MEMÓRIA

O viver na caatinga baiana do início do século XX exigiu uma adaptação ao clima e ao bioma gerando uma materialidade específica representada pela arquitetura, mobiliário e demais utensílios de terra, madeira, couro e ferro. Muito desse patrimônio cultural foi desprezado, arruinado, desaparecendo. A recuperação da “Casa das 12 janelas” localizada em Barro Vermelho, Distrito de Curaçá, Bahia compreendeu, na medida do possível, na preservação das técnicas construtivas, na ambientação através da reconstituição dos interiores e da tralha doméstica existente na comunidade, constituindo-se em um teatro da Memória.

HOUSE OF 12 WINDOWS
BAHIA
BARRO VERMELHO
20TH CENTURY
THEATER OF MEMORY

Living in the caatinga of Bahia in the early 20th century required adaptation to the climate and biome, generating a specific materiality represented by architecture, furniture and other utensils made of earth, wood, leather and iron. Much of this cultural heritage was neglected, ruined and disappeared. The restoration of the “House of 12 Windows” located in Barro Vermelho, Curaçá District, Bahia included, as far as possible, the preservation of construction techniques, the ambiance through the reconstruction of the interiors and the household items existing in the community, constituting a theater of Memory.

ISSN 1518–5494

ISSN-E 2447–2484

Viver no bioma da caatinga exigiu dos indígenas conhecimento de sua fauna e flora, dos riscos e benefícios à vida humana que ofereciam, e, sobretudo a ausência prolongada de chuvas; rios e lagoas temporários. Coube aos descendentes dos povos dos tempos pré-históricos essa adaptação, já que as transformações da natureza sucederam em tempos diferentes, provocando mudanças radicais na paisagem:

Há milhões de anos, toda essa região era fundo de mar. Depois, as placas tectônicas se elevaram e a região se integrou à terra firme. [...] Há apenas 10 mil anos a região era ocupada por uma densa floresta tropical semelhante à floresta amazônica. Quando terminou o último período glacial, acabaram-se os rios, a floresta foi extinta e sua grande fauna desapareceu. Surgiu uma vegetação mais rala, menos exuberante, com animais menores: era a caatinga. Dentre os rios que cortavam a região restou apenas um, o São Francisco, porque suas nascentes ficam no Cerrado, fora do Semi-Árido (MALVEZZI, 2007, p.56).

Surgiram, pois, espécies de plantas capazes de reservar água em seus âmagos e suas raízes, se desfolharem e voltarem a florescer, nas primeiras chuvas. Deve-se, pois, aos povos indígenas o legado do sobreviver na caatinga, buscando na itinerância, áreas em que a água se mantivesse por mais tempo e com ela as plantas e animais, de tal maneira, que esses povos já tinham identificado e ocupado as melhores terras, quando os colonizadores portugueses as invadiram, expulsando-os, aliando-se e apreendendo o necessário para nelas implantarem a economia do pastoreio.

Contudo as culturas dos invasores foram influentes na percepção das especificidades das culturas dos “sertões do norte” (DINIZ, 2015, p.31): Ibéricos com toda a mescla de judeus, árabes, ciganos; etnias indígenas e africanas na lida diária pela vida, em contextos mais propícios à morte. O pastoreio do gado vacum, caprinos e ovinos requeria a construção de currais, lugares em que o gado vacum era tratado para fornecer leite, carne e crias, que ampliavam o rebanho e a riqueza dos proprietários.

Narrados por escritores ditos “regionais” e valorizados pela voz dos cantores populares, fenômenos culturais resultantes desse processo multissecular de contato entre nativos, invasores ibéricos e escravos africanos amalgamaram-se no imaginário coletivo. Os tipos humanos sertanejos, suas casas, os hábitos praticados na aridez daquele meio físico e as particularidades no trato do gado introduzidas naqueles rincões tornaram-se emblemas heroicos da vida resistente ao meio áspero, de uma saga de sobrevivência às secas, às distâncias enormes, a uma paisagem que desafia a vida humana (DINIZ, 2015, p.31).

Como a atividade econômica fundamental era o pastoreio e as matrizes culturais ibéricas e africanas expressivas, desenvolveu-se sociedades em que o couro bovino e caprino se prestava a toda sorte de utensílios e equipamentos assim expostos por Capistrano de Abreu:

De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os pardos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforje para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as bruacas e

surrões, a roupa de entrar no mato, os banguês para curtume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz. (ABREU, 1954, p.217/218)

De couro era a vestimenta do vaqueiro, verdadeira armadura preparada para livrá-lo da vegetação espinhenta e cheia de garranchos, pronta para atravessar a pele, ou furar os olhos quando penetrada na velocidade dos cavalos no resgate do gado desgarrado e bravo.

O DISTRITO DE BARRO VERMELHO

Derivou de uma dessas fazendas de gado dos Sertões do Norte, precisamente da Fazenda Barro Vermelho, o povoado homônimo onde se localiza a casa que denominamos “das doze janelas”, objeto de nossa análise. A memória social indica que a Fazenda Barro Vermelho foi fundada pelo casal Francisco Gonçalves Brito e Josefa da Conceição, ele proveniente da região de Riacho do Navio (atual Floresta do Navio, Pernambuco e ela filha de Joana Maria da Conceição, da Fazenda Garrote, conhecida como Joana do Garrote e ancestral comum das famílias de Barro Vermelho. O casal construiu uma casa de adobe com oito portas e quatro janelas voltadas para o norte. Essas terras foram compradas por Joana do Garrote ao Cel. Manoel Gonçalves Torres, pertencentes a Casa da Torre de Garcia D'Ávila.

De Fazenda, tornou-se Vila, tendo sido elevada à condição de Distrito em 1911. No ano de 1912 [...] chegava a Barro Vermelho quatro padres missionários: Francisco, Pedro, Inácio e Felipe pregaram por nove dias em frente à casa do Cel. Viterbo Leitão e conclamaram a comunidade para a construção da igreja, iniciando a construção ao término das Santas Missões (OLIVEIRA, 2021, p.84/85).

Os trabalhos de edificação prolongaram-se pelo “ano de 1917, sendo entronizada no altar-mor a imagem em gesso policromado de seu padroeiro, São João Batista, no ano de 1919. Imagem comprada pelo Capitão João Honório de Oliveira e João Paulo de Sena com o concurso de outros filhos da terra” (OLIVEIRA, 2021, p.85). No retábulo-mor além do padroeiro no nicho central, nos nichos laterais são ocupados pelas imagens em gesso policromado do Sagrado Coração de Jesus em corpo inteiro e de N. Sra. do Perpétuo Socorro. Na nave foi colocado e um oratório de madeira neogótico com a imagem de N. Sra. de Fátima em gesso policromado. O nicho foi confeccionado pelo marceneiro Milton Araújo, de Curaçá.

Orbitando em torno do distrito de Barro Vermelho há fazendas, algumas delas muito antigas como a Fazenda Cacimba da Torre, Ipueira, Bom Jardim, Recanto, Espírito Santo, Umburana, Mandacaru, Gavião, São Gonçalo, Sítios Novos, Água Fria, Juá, Santo Antônio, Morro Branco, Linguíça, Melancieira, Muritiba, Fazenda do Meio, Caraíba dos Gomes, Carrapicho, Angico. Cada uma dessas fazendas abriga casas e currais dos herdeiros da terra. Muito raramente uma fazenda tem um só proprietário, podendo os seus herdeiros se afazendarem quando constituem família, ou em qualquer tempo.

A população que vivia e ainda vive nessas propriedades sempre teve como centro social, comercial e religioso o Distrito de Barro Vermelho. Uns transitam diariamente e



Figura 1. Fotografia área de Barro Vermelho, Distrito de Curaçá, Bahia, onde se vê a Casa das 12 janelas situada defronte a lateral da igreja. Foto de Lucas Oliveira, 2024.

a maioria nos finais de semana para os cultos religiosos católicos e neopentecostais; jogo de futebol, corridas de argolinha, visitas aos parentes e amigos (quase todos tem algum vínculo de parentesco), conversa nas portas das casas, nos bares e na praça. Em ocasiões de festas o lugar recebe filhos, descendentes e amigos, que moram em cidades próximas, como Juazeiro, Petrolina, Uauá, Pinhões, na sede, Curaçá e de lugares mais distantes como São Paulo e Pará. Uma grande festa é a de seu padroeiro, São João Batista, que se comemora com a novena, culminando com a procissão à tarde do dia 24 de junho. Eventualmente, nas cavalgadas, Rodas de São Gonçalo há um afluxo de pessoas maior, mas nunca comparável ao São João. Outrora a feira, que se realizava as quartas-feiras era um grande atrativo para a população das fazendas.

Em 2014, com a chegada da água potável encanada, feito do Governo do Estado na Gestão de Jacques Wagner, intermediado pelo cantor Adelmário Coelho, natural do lugar, o distrito conheceu um crescimento na construção de casas, originando novas ruas e consolidando outras, mas parece experimentar um declínio populacional, que migra em busca de trabalho, pelas mesmas razões que os antepassados migraram a partir da década de 1960.

Alguns filhos da terra, já aposentados, optaram por fixar residência, outros como o Cel. Jahir Gomes, recuperou cerca de cinco casas antigas, construiu uma, um Centro Comunitário. A suas expensas, plantou dezenas de árvores, mangueiras, qualificando a paisagem urbana na quadra da igreja católica e na rua transversal até na quadra seguinte.

A CASA DAS 12 JANELAS

Tratamos aqui por esse nome pelo fato de a casa possuir doze janelas, cinco na fachada voltada para a lateral da igreja católica, seis na fachada principal, voltada para o beco e uma interna voltada para o quintal. Entretanto é costume local distinguir as casas pelo nome dos proprietários e de seus moradores. Para a comunidade local essa casa é a “casa de Lula, ou de Lulinha” apelido pelo qual sou chamado desde criança e no diminutivo, pelos familiares.



Figura 2. Retrato de Cirilo Gonçalves Martins, existente na Fazenda Água Fria, cópia cedida por Joselita Martins.

Fica situada na quadra mais antiga do Distrito, a poucos metros da antiga sede da fazenda Barro Vermelho, demolida. Durante muito tempo a “casa das 12 janelas” permaneceu isolada, associada a casa vizinha, edificada por Isaias Martins da Silva (Irmão de Rosália Martins Ribeiro – minha bisavó materna) e vendida à família de Alipio Gonçalves Martins e Acidina Fonseca Martins. Essa casa vizinha também se distingue arquitetonicamente das demais casas, apresentando ornatos na fachada. As duas casas se destacam do conjunto, com muitos aspectos comuns às moradias do lugar e dos sertões do norte.

Sua edificação foi promovida por “Cirilo Gonçalves Martins (cerca de 1865 - faleceu em 5 de outubro de 1942, com cerca de 77 anos de idade). Avô de Hélio Coelho Oliveira, por ser pai de Diva Coelho Martins (Diva Coelho Oliveira), mãe de Hélio Coelho Oliveira” (OLIVEIRA, 30 jan. 2014), casado com minha tia materna Letícia Ribeiro. Hélio Oliveira, por ampla vivência e boa memória aos 88 anos de idade, foi o principal informante sobre a casa.

Cirilo era tio da minha bisavó materna Rosália Félix Martins (Ribeiro) – Lilia, por ser irmão da mãe de Lilia, minha trisavó, Felismina Felix Martins (Fininha).

“Cirilo era neto de Francisco Gonçalves de Brito e bisneto de Joana do Garrote, ancestral comum das famílias de Barro Vermelho” (SANTOS, 2022, p.231).

Casou-se em primeiras núpcias, por volta de 1900, com Josefa Coelho Martins, gerando uma prole composta por Diva Coelho (Martins) Oliveira; Zilda Coelho (Martins) Oliveira, Odilon Coelho Martins e Olivia Coelho Martins (dos Santos).

Zilda Coelho (Martins) Oliveira casou-se com João Honório Oliveira Filho. O casal habitou a casa das 12 janelas durante toda a vida, desde 1928, e nela tiveram três filhos: Ezilda, Nelzito e João Coelho Oliveira. O primeiro quarto da casa era destinado ao terceiro filho de Cirilo, irmão de Zilda, Odilon Coelho Martins, solteiro, morava na fazenda Água Fria, mas vinha constantemente à Barro Vermelho, pois zelava pela Igreja de São João Batista. Zilda dava aulas das classes primárias no salão e tocava flauta doce na igreja, Odilon tocava clarinete. Esse conhecimento musical foi cultivado pela família Martins (OLIVEIRA, 30 jan. 2014).

João Oliveira (neto de Cirilo), que morou na casa desde o nascimento informou que:

Cirilo era criador de gado, caprinos e ovinos na Fazenda Água Fria. Sua avó, Josefa, a primeira mulher de Cirilo, faleceu do parto de sua mãe Zilda em 1902. Zilda foi criada na Fazenda Linguíça, vindo a se casar com seu pai, João Honório Oliveira Filho (1902-1974). Seu pai criava e comprava gado para negociar no Rio Branco, no Acre. Conduzia o gado viajando no lombo de burro. A família deixou a casa em 1972, sua mãe era professora, ensinava o supletivo em casa e tocava flauta doce em casa e na igreja (OLIVEIRA, 15 set. 2024).

João Oliveira estimou o ano de construção da casa em 1902, mas Jacqueline Amorim “colheu informação de Dilson Oliveira Martins, que afirmou ter sido a ‘casa das 12 janelas’ construída em 1901 e que a casa vizinha foi erguida no ano seguinte” (AMORIM, 15 set. 2024). A casa tem hoje 123 anos de existência e sua construção antecedeu 11 anos a construção da igreja (1912).

A casa passou a pertencer a “Antônio Coelho Oliveira (Tote), filho de Diva Oliveira e irmão de Hélio Oliveira, que a vendeu para o casal Eliel Fernandes Ferreira e Carmem



Figura 3. Casa das 12 janelas, Fachada voltada para a lateral da igreja, antes da intervenção 2013-2014 – Foto de Luiz Freire



Figura 4. Casa das 12 janelas, Fachada voltada para o beco (Oitão) antes da intervenção, 2013-2014 – Foto de Luiz Freire



Figura 5. Casa das 12 janelas – telhado original, 2013-2014, Foto de Luiz Freire

Oliveira" (OLIVEIRA, 30 jan. 2014). Em 5 de novembro de 2012 adquiri a casa ao referido casal por R\$12.500,00 (Doze mil e quinhentos reais), iniciando aí sua recuperação.

Caracteriza-se a casa por suas grandes dimensões: (8,67 m de frente-fachada voltada para a lateral da igreja por 22,66 m de fundo – fachada voltada para o beco); pelo número de janelas retangulares, dispostas em ritmo harmonioso, por serem elas contornadas por cercaduras de alvenaria; por pilastras e cornijas na fachada voltada para a igreja, por possuir um pé direito alto, de 5 metros na cumeeira do primeiro corpo e por se constituírem as paredes externas de adobes (tijolos) assados, o que dava maior segurança estrutural.

As dimensões das janelas variam; as 5 voltadas para a igreja, da direita para a esquerda da fachada, medem: 137x86cm; 137x88cm; 138,87cm, 134x77cm.; 135,5x77,5cm.; as 6 janelas que se abrem para o beco medem: 131x77,5cm.; 131x78cm.; 131x78cm; 130x78cm.; 131,5x78cm.; 130x78 cm. A 12ª Janela voltada para o quintal mede: 123x70 cm.

Maior cuidado foi dispensado a fachada voltada para a lateral da igreja, lembrando que á época da construção a igreja ainda não existia, mas por ser voltada para a única quadra do povoado, essa fachada mereceu um tratamento mais primoroso, erudito, pois pilastras, cornijas e cercaduras figuram nos tratados arquitetônicos europeus do século XVIII e XIX. A erudição também se estabelece na equilibrada relação de proporção entre as janelas, o espaço entre elas, a distância delas em relação a base da calçada e o cornijamento, assim como a distância entre as janelas dos extremos e as pilastras, entre outras medidas da fenestração abaixo detalhadas, que demonstram o planejamento utilizado, considerando as variações de medidas típicas da época.



Figura 6. Casa das 12 janelas depois de recuperada, 2018. Foto de Luiz Freire.

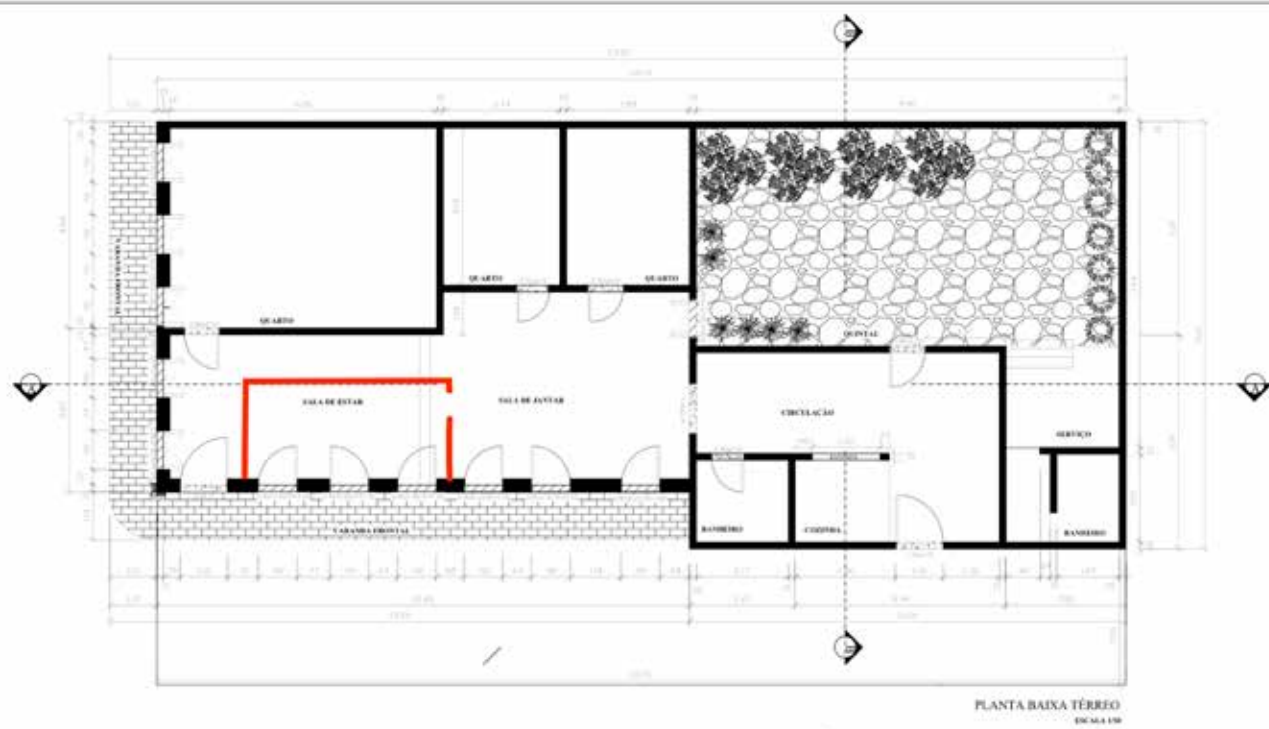


Figura 7. Planta Baixa da Casa das 12 janelas com a indicação em linhas vermelhas do quarto suprimido, 2024. Desenho em Autocad de Ana Camile Silva Santos.

Distância das janelas com cercaduras em relação a base da calçada	Variação de 90, 91 e 92cm.
Distância entre as janelas com cercaduras em relação a primeira secção das cornijas	41cm
Altura do cornijamento	43cm
A soma da distância entre as cercaduras das janelas e a primeira secção de cornija com o total de cornijas é igual a 84cm, número próximo dos 90cm da distância entre as molduras das janelas e a base da calçada que é de 90 a 92cm.	
Cada pilastra mede cerca de	30cm
A distância entre as janelas dos extremos da fachada com as cercaduras e as pilastras	30cm
A distância entre as janelas com cercaduras	42, 43cm
A menor largura das cercaduras	14, 15cm
Largura das aberturas das janelas da direita à esquerda da fachada	82; 84,5; 82,5; 73; 78,5cm

Figura 8. Tabela descritiva com medidas de fenestração

Possui uma calçada elevada na fachada voltada para a igreja (a altura varia de 54,5 a 25 cm), e na calçada da fachada principal, voltada para o beco, a altura varia de 76 a 48 cm, acompanhando o declive do terreno. Tais caracteres que a diferencia das demais casas do povoado demonstram o poder econômico do seu construtor/primeiro proprietário, proveniente das rendas do criatório e comércio de bovinos, caprinos, ovinos, equinos e muares. Seu protótipo pode ser encontrado em casas urbanas de esquina, nas cidades coloniais costeiras e sertanejas, não sendo, contudo, banais.

As duas fachadas receberam tratamento cuidadoso, sendo a fachada voltada para a igreja dotada de elementos da arquitetura clássica; A parede é limitada por pilastras, um em cada extremidade, havendo cornijas no beiral. Da calçada de ladrilhos de barro assado até o beiral a parede mede 3,45m. Há pilastras lisas nos dois extremos, terminadas por molduras e base trabalhada com molduras e cornijas ressaltadas no extremo superior. Essas cornijas emendam com as demais que formam o beiral.

As cornijas são compostas de quatro molduras convexas de proporções diferenciadas, em ordem crescente e intercaladas por molduras convexas. A quarta moldura é inferior e mais estreita, e delimita um friso estreito. Esse cornijamento não se repete na fachada voltada para o beco (o oitão), que, apesar de ter a porta de entrada, não recebeu o mesmo tratamento erudito da fachada voltada para a igreja. Lembrando que a casa antecede a igreja e de que essa referência só passou a existir com a construção do templo em 1912. A referência era a quadra fundadora do povoado, na qual as demais famílias, a maioria parentes, habitavam. A intenção foi a de fazer mais bela a fachada voltada para a quadra.

Desenvolvem-se os cômodos no sentido longitudinal do terreno. A partir da porta de entrada principal localizada na fachada voltada para o beco, havia um pequeno vestíbulo e logo a frente um salão que servia para “festas, escola primária e quarto de dormir de hóspedes que vinham para a festa do padroeiro” (OLIVEIRA, 15 set. 2024), era o único cômodo social, cujas três janelas se abrem para a lateral da igreja. Somente avançava-se do vestíbulo para a parte íntima da casa, aqueles que passavam por uma porta de “umburana de cheiro”, que ficava à frente do corredor e que tem o terço superior vazado com torneados. Essa porta foi deslocada para a entrada do salão em época imprecisa.

A parede da lateral direita do corredor definia o primeiro quarto, destinado a Odilon Coelho Martins, demolido pelos proprietários anteriores, cuja porta de entrada abria-se para a sala de jantar, sendo o único quarto dotado de janelas, três das seis voltadas para o beco. “Odilon morava na Fazenda Água Fria, tocava clarinete e ze-

lava pela igreja organizando a festa de São João Batista. Se instalava no seu quarto desde o dia 15 de junho e só retornava à fazenda no dia 26" (OLIVEIRA, 15 set. 2024).

Da sala de jantar arejada por mais três janelas que dão para o beco, abre-se as portas de dois quartos, um maior, outro menor, destituídos de janelas. Esses cômodos integram o primeiro corpo da casa, seguindo-se o segundo corpo, à direita, de pé direito mais baixo, de largura mais estreita e que segue até o final do terreno, formando um "L" e definindo o quintal.

Da sala de jantar acessa-se o segundo corpo onde havia a despensa e a cozinha com o fogão de lenha. Por uma porta passa-se para o quintal, com demais cômodos completando o segmento do "L" e por outra cortada ao meio se acessava o beco, sendo a segunda porta voltada para a rua. É portanto, uma divisão muito simples, mas que atendia a tradicional preservação da intimidade da família, cujo acesso só era dado às pessoas de confiança.

Do ponto de vista do sistema construtivo a casa se assemelha as demais do lugar, pelo menos as mais antigas, pela elevada altura das calçadas; pelo pé direito alto, cerca de 5 metros, o que proporciona um conforto térmico, pois o ar quente que penetra através das janelas sobe e é renovado; pelo uso de tijolo de adobe, ou de adobe assado, esses adobes medem cerca de 35x23x9 cm.; argamassa de argila, areia e cal.

O traço da argamassa de assentamento e reboco se perdeu não havendo preservação do saber; pelo uso ordinário de telhados de duas águas e, em especial, pela existência de estruturas em formato de "moringa", ou "pote", que prolongam verticalmente sobre as paredes internas e sustentam as terças do madeirame do telhado. Na casa em lide as "moringas" maiores sustentam as terças imediatamente próximas a cumeeira e as "moringas" menores as terças mais distantes da cumeeira. O piso também era comum, constituído de ladrilhos de barro cozido quadrado, também conhecido como tijoleira.

A INTERVENÇÃO

Quando a casa foi adquirida em 2012, seu estado de conservação era precário para um imóvel centenário, que não tinha passado por grandes obras de conservação. O ponto mais vulnerável era o telhado, formado por madeiras da caatinga: baraúna, aroeira e angico, madeiras irregulares desbastadas manualmente. Sua substituição se impunha, mas não me era confortável renunciar a suas características originais, mas tive que fazê-la substituindo todo o madeiramento por massaranduba, afinal já não é mais possível, do ponto de vista ecológico retirar madeiras da caatinga, bioma tão devastado. Não pude acompanhar a obra, pretendia somente substituir a madeira comprometida por cupins, pensei em mesclar com as novas, aparelhadas, mas fui aconselhado a trocar por inteiro. Trabalharam nessa substituição muitos homens do lugar, como Gilmar Oliveira, Ademezio (Bezo), Tutu Bogo, alguns mais velhos e experientes.

As telhas em grandes formatos (cerca de 38x26cm) foram mantidas e lavadas por Rosilda Oliveira, procedimento impróprio, porque remove uma camada formada na queima e que impermeabiliza as telhas. Elas ficaram mais porosas e sentimos isso no período das chuvas.

O serviço de pedreiro foi realizado pelo mestre de obras carioca André Divino, integrante da equipe do filme "Gonzaga de pai para filho" e que permaneceu em Barro Vermelho. Teve como ajudantes: Raoni, João, Gilmar Oliveira, entre outros.

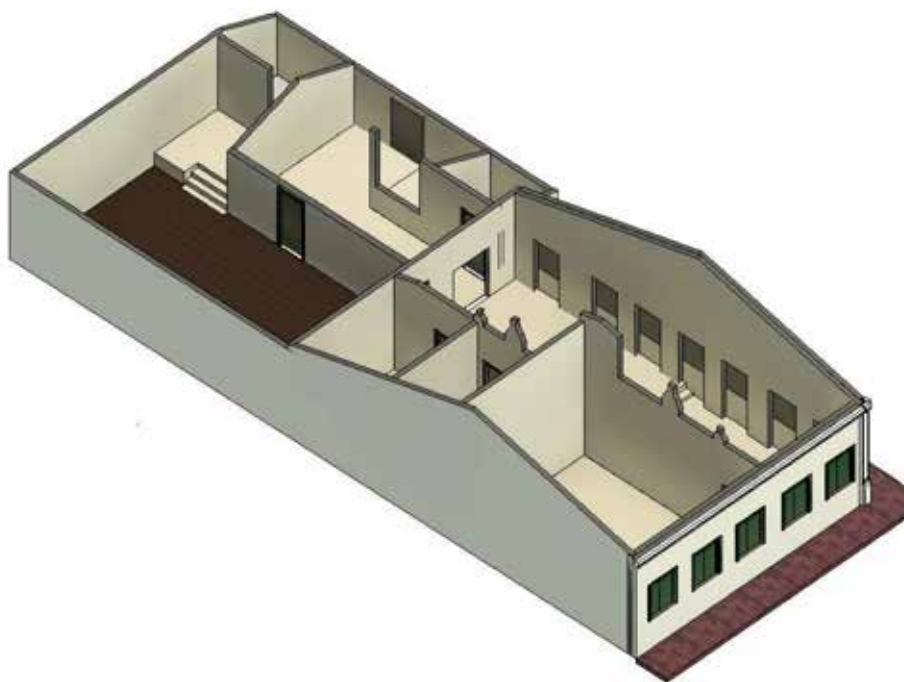


Figura 9. Maquete digital da Casa das 12 janelas- Fachada para o lado da igreja e interior de frente a fundo. Trabalho de Ana Camille Silva dos Santos, 2024.

Decidi restituir os ladrilhos de barro cozido ao piso de toda a casa, pois os antigos tinham sido encobertos por uma nata de cimento afagado (queimado), conforme moda da segunda metade do século XX. Quando iniciou a remoção da nata de cimento, revelou os ladrilhos de barro (tijoleira) por baixo, embora manchados e, como já havia encomendado três milheiros de ladrilhos a oleiros de Juazeiro da Bahia, mantive a substituição.

Os novos ladrilhos substituíram os antigos, manchados, menos no quarto menor, cujo piso original estava intacto. Por ocasião da retirada dos ladrilhos antigos uma nova revelação surpreendeu a todos, os ladrilhos eram assentados sobre uma manta de areia muito fina, sem qualquer argamassa, e um rejunte muito estreito, cujo traço não foi preservado. Tal assentamento evitava a quebra, ou rachadura dos ladrilhos no pisoteio diário, a manta de areia fina amortizava o impacto. Essa manta foi permutada por uma camada de concreto sobre a qual os ladrilhos novos foram assentados por meio de argamassa de cimento.

O primeiro quarto, o único com janelas, já tinha sido demolido em época anterior, decidi não o reconstruir, mantendo o vão aberto da porta de entrada à sala de jantar, já que a delimitação da zona íntima da casa tinha sido desfeita, com a porta deslocada para o salão. Havia uma divisória de alvenaria construída posteriormente, que resguardava a sala de jantar e os quartos, solicitei a demolição por ser um corpo destoante.

Na cozinha, dantes formada por uma despensa e o fogão à lenha, os moradores anteriores já tinham usado parte da área da despensa para um banheiro. Nas casas tradicionais do lugar banheiros e especialmente as privadas eram situadas no fundo do quintal. Ampliei o banheiro/sanitário, diminuindo mais ainda a área da despensa e reconstruí o fogão à lenha posicionando-o no fundo da cozinha. Um cômodo contí-

guo a cozinha, acessado pelo quintal, que funcionava como oficina, foi transformado em uma área de serviço com a lavanderia, deslocada da trazeira da sala de jantar, ao fundo da área de serviço foi construído outro banheiro/sanitário. No quintal as paredes delimitadoras foram rebocadas, pois estavam com os adobes aparentes, desde a construção da casa.

De acordo com informações dos mais velhos, a casa inteira era caiada, restituímos, pois, a cor branca nas paredes externas e internas. As janelas e portas de tiras de madeira da caatinga, unidas por duas traves, estavam muito estragadas, sem qualquer possibilidade de recuperação. Encomendei outras de angelim pedra à Marcenaria Biu (Abdias) Gomes, no Uauá, com o mesmo modelo e a troca foi realizada através de padronização das dimensões, já que as originais diferiam. Fez esse serviço Rauenes e Romário Leitão Martins. Todas elas foram pintadas com tinta óleo fosca na cor verde colonial, conforme indicado nos resquícios de tinta que havia nas velhas janelas e portas.

O TEATRO DA MEMÓRIA

Acerca do mobiliário existente na “casa das 12 janelas” no longo período habitado pela família de João Honório e Zilda Oliveira, João Coelho Oliveira lembrou que:

Na entrada, logo após a porta havia cadeiras de madeira. O quarto do tio Odilon tinha uma cama com colchão e um baú. O quarto contíguo ao salão era dos seus pais. Nele havia uma cama de casal, de cedro, com cabeceira e pés encurvados, e colchão de lã de seda. O terceiro quarto era meu e de meu irmão Nelzito, dormíamos juntos na mesma cama, cujo formato era parecida com a de meus pais. Na sala tinha um guarda louça, uma cristaleira e a mesa. Em um canto ficava as moringas,



Figura 10. Ambientação da sala de estar, vendo-se ao fundo a sala de jantar, 2024. Foto de Luiz Freire.



Figura 11. Sala de jantar da Casa das 12 janelas, 2024. Foto de Luiz Freire.

potes e copos. As cadeiras eram de madeira com assento de couro, provenientes de Januária, Minas Gerais. Na cozinha tinha um fogão à lenha e uma despensa. A privada ficava no muro (OLIVEIRA, 15 set. 2024).

Sem conhecer esse relato e inspirado pelas memórias de infância defini que tipo de mobiliário colocar na casa, considerando sempre a lembrança do que vi na minha infância e juventude vivida nos anos de 1960-70.

Procurei dotar a casa de uma ambiência que lembrasse as casas do lugar, que visitava quando criança. Em geral essas casas tinham poucos móveis, de várias décadas, poucos de “estilo”, ou seja construídos a partir dos cânones do mobiliário europeu com as adaptações locais. Os modelos eram copiados pelos marceneiros a partir de ilustrações de revistas e outros impressos.

A iluminação foi resolvida com a colocação de globos antigos em cada ambiente, adquiridos em antiquários e pendentês por único fio em cada ambiente.

O mobiliário mais representativo foi doado por minha madrinha, Edna Garrido Ribeiro, que estava desfazendo a sede da Fazenda Itamarati, uma fazenda com mais de duzentos anos. Dela recebi uma cama que pertenceu aos seus avós paternos (Isabel Augusta de Oliveira e Josino Alcides Ribeiro – da Fazenda Ipueira), meus parentes. Trata-se de uma cama de casal atípica, do século XIX, inspirada no estilo Império, com cabeças de cisnes nas cabeceiras e entalhes nas abas laterais e também nos pés e cabeceira. Nela há resquícios de pintura e douramento. Coloquei no salão, que foi transformado em quarto principal, onde foi localizado uma cômoda proveniente da mesma fazenda, um guarda roupa antigo de linhas simples doado pela amiga Florence Lebram, uma mala de couro adquirida em antiquário e muito usada nos sertões,

uma cômoda-lavatório adquirida em antiquário, um móvel muito usado em sedes de fazenda abastadas e casas urbanas entre o final do século XIX e metade do XX, quando a higiene pessoal era realizada nos quartos e uma mesinha com um oratório de madeira “*art-nouveau* caboclo” adquirido em antiquário e proveniente da cidade de Santo Amaro da Purificação, Bahia e um genuflexório antigo com assento de palhinha adquirido em antiquário.

Na atual sala de estar, na entrada da casa, dispus um banco de madeira de demolição, imitação de antigos; um suporte de madeira antigo e cachepô de metal prateado com folhagens de plásticos e flores de papel crepom e de seda; retratos dos meus ancestrais maternos: (Bisavós (Rosália e Juvino Ribeiro), ela sobrinha do construtor da casa; avós (Francisco e Alice Ribeiro) e minha mãe (Maria Alice Ribeiro Freire – Marli), em molduras antigas de variados formatos; uma cristaleira muito simples, geralmente encontrada em casas humildes, que os antiquários denominam de “Mariazinha”. Na parede, acima da cristaleira, três patos em voo de porcelana policromada, de parede, em três tamanhos, estão dispostos em diagonal ascendente, disposição muito usada para andorinhas e patos em voo de porcelana nas casas da primeira metade do século XX.

Um cabide de madeira, proveniente da Fazenda Itamarati, também doado por Edna Ribeiro, típico das casas sertanejas. Sobre ele candeeiros de flandres, e estribos, chocalhos e chapéu de couro pendurados. Nesse ambiente há uma espreguiçadeira de madeira e lona, que deita completamente, cabide e espreguiçadeira doados por minha madrinha. Essa espreguiçadeira já existia quando eu era criança, data portanto, de anterior a 1962, ano do meu nascimento. Nas paredes ainda têm fotografias de antepassados maternos, como a de minha madrinha Edna Ribeiro, seu pai. Edson Ribeiro (médico, prefeito, deputado estadual e educador juazeirense), minha tia Leatrice Ribeiro e uma tia de meu bisavô, Cota Nunes.



Figura 12. Salão transformado em quarto, onde se vê a cama do século XIX que pertenceu ao casal Isabel Augusta Oliveira e Josino Alcides Ribeiro. Foto de Luiz Freire.

Na sala de jantar as dádivas de minha madrinha dão o tom de originalidade sertaneja, com a ampla mesa de madeira, com os extremos curvos, travejamento ondeado, com seis lugares. Mesa na qual comi na infância, na Fazenda Itamarati e o guarda-comida, esse um móvel que precede a geladeira, pois as laterais e a frente são parcialmente revestidas por uma tela de arame (hoje de nylon) com a finalidade de os alimentos derivados do leite, queijos, requeijões, coalhadas, bolos, fossem guardado, arejados e livres de insetos, como as moscas, abundante em lugares onde há leite. No extremo superior desse móvel há uma gaveta para a guarda de talheres. Sobre ele coloquei ferro de engomar à brasa, galinha de arame para conter ovos, chaleira de ferro e de flandres.

Compõem ainda esse ambiente três guarda-louças, um muito simples, de linhas retas, presenteado pelo amigo de infância, Geraldo Pontes e outros dois mais elaborados, representativos do “art-nouveau caboclo” muito simplificado e das soluções mistas de artesanato e indústria. Nesse ambiente ainda há outro cabide de madeira, cópia dos antigos, que servia e serve como suporte para candeeiros, moringa de barro. Há também um lampião típico de vidro pendurado na parede, uma estampa do Sagrado Coração de Jesus (séc. XX) emoldurada adornada com um pequeno vaso de porcelana de parede com flores de tecido, e outra de São José (primeira metade do século XX), também com vasinho de parede com flores.

A mesa é coberta cotidianamente por toalha de encerado e em dias especiais por toalha branca bordada. Um vaso antigo de louça policromada exibe ramo de flores de plástico, comuns nas casas da primeira metade do século XX. Sobre os guarda-louças estão distribuídos vasos de flores de plástico e tecidos, lampião com bojo de metal e manga de vidro, biscoiteira antiga de vidro, castiçal de porcelana e jarra de porcelana. As cadeiras são do tipo retráteis de madeira com o assento de sola lavrada, muito usadas na região, cuja tradição do fabrico permaneceu na cidade mineira de Januária, onde encomendei 18 delas. Há memória do fabrico delas na primeira metade do século XX, no distrito de Poço de Fora, a poucos quilômetros de Barro Vermelho.

Todos os utensílios domésticos de porcelana e vidro são novos, mas evocam modelos do passado novecentista, como manteigueiro de vidro com tampa, louça com delicada decoração em azul, copos, biscoiteiras antigas de vidro azul, farinheira de madeira; vaso de vidro verde de inspiração “art-nouveau/ar-decô”; xícaras de vidro decoradas com bolinhas em relevo, etc.

No quarto do meio, coloquei uma cama “art-nouveau caboclo” adquirida em antiquário, mesa com pernas torneadas e duas gavetas, e um guarda-roupa em estilo semelhante ao da cama. No terceiro, quarto, o menor, coloquei duas camas, reinterpretações da cama patente e uma cômoda “art-nouveau caboclo”.

Na cozinha coloquei mesa de madeira antiga com gaveta e cadeiras, banco com potes de barro, banco confeccionado com as madeiras das antigas janelas da casa; prateleira com painéis de barro e de alumínio e sobre o fogão de lenha painéis de ferro e mesas de apoio novas de madeira; gamelas de madeira e tachos de cobre pendurados por cordas no telhado.

No quintal plantei árvores frutíferas e plantas medicinais, algumas com valor simbólico, como o pé de pinha, que lembra o carinho da bisavó, moradora do lugar, que mantinha dois pés de pinha, um meu e outro de meu irmão (Antônio Freire) e nos enviava em sacos separados com o nome escrito as pinhas produzidas pelos respec-

tivos pés. Há um pé de romã, pitanga um limoeiro. Para fazer o jardim da frente tive que cercar com grades cuidadosamente desenhadas para não agredirem o entorno, manufaturadas em ferro na serralheria de Angelita Cabral, no Uauá. Nele plantei um ipê amarelo, e plantas que via na minha infância, sobretudo as aromáticas; jasmims, veludo, camélia, roseiras, trombeta de anjo, rabo de gato e mimo do céu, mudas doadas por amigos como Miguel Ângelo Santiago e Sônia Simon.

Mobiliário, objetos antigos, atuais que evocam os antigos, a disposição das peças, os ladrilhos do piso, tudo que compõe a casa, atíça a memória das pessoas que visitam, vindas de toda a parte. Há sempre algo que remete a casa dos avós, à memória da infância.

As ambientações, como concebi, nunca existiram por completo na casa, o mobiliário era mais reduzido, nos quartos os ganchos de metal indicam o uso de redes, móvel comum nas casas sertanejas. O arranjo atual, que compõe essa memória, graças as intenções de recuperação do antigo e o do parecer antigo, a casa tornou-se um lugar visitável, que alguns desejam conhecer, mesmo porque não há outra com essas características no distrito, sua fama já extrapola as divisas do município.

Ulpiano Menezes recuperou em uma abordagem crítica, a análise de “Eilean Hooper-Greenhill (1988) sobre as denominações das coleções renascentistas como “Theatrum” relacionando a etimologia do verbo grego “ver” (theáomai), cujo sentido evoluiu em torno “da articulação de imagens a lugares e espaços, para assegurar a rememoração” (MENEZES, 1994, p.9), aplicando-o ao surgimento do museu como Teatro da Memória por acreditar ser o sistema mais eficiente que a escrita e outros sistemas intermediados de registro já que a matriz sensorial facilita a rememoração” (MENEZES, 1994, p.9/10). Evolui em torno da complexidade das linguagens expositivas em relação a história. Entretanto o conceito de Teatro da Memória se aplica bem ao arranjo que fiz na Casa das 12 janelas, não havendo a intenção de se constituir um museu, apesar de ter eu a formação de museólogo. Não havendo o propósito de museu, termina sendo por falta de iniciativas governamentais nessa direção e pelos poucos atrativos do lugar.

O teatro da memória por mim concebido destoa da cultura de reforma e renovação predominante e promotora da substituição e mudança de tudo que é original, perdendo-se com isso os saberes e fazeres, a exemplo da prática construtiva tradicional em adobe, apropriada ao clima da caatinga, mais barata e acessível, mas substituída pelas atuais, baseada no cimento, concreto armado, blocos, ferro, cerâmicas, porcelanatos e esquadrias de ferro, materiais caros e comercializados nas cidades. Casas inteiras de adobe são abandonadas e com isso o patrimônio cultural da caatinga desaparece antes de ser plenamente conhecido.

Há contudo, os que consideram essa relação com os “passados” saudosismo e contrária ao dinamismo da cultura. Entretanto a questão da preservação do patrimônio na contemporaneidade implica em ações de sustentabilidade e afeta diretamente a ideia de preservação da natureza, contrariando a lógica capitalista de exploração e exaustão dos recursos naturais. O mais frustrante nessa experiência é que minha atitude não serviu de exemplo, como ingenuamente pensei, embora tenha se constituído em um marco que agregou valor a localidade, mesmo sem o reconhecimento dos gestores municipais, que não se movem para qualificarem o beco frontal à casa.

REFERÊNCIAS

- MALVEZZI, Roberto Semi-arido uma visao holistica. Brasilia: Confea, 2007. 140p. – (Pensar Brasil).
Disponivel em: <https://robertomalvezzi.com.br/wp-content/uploads/2016/06/php-CD04mz.pdf> Acessoem: 19 jun. 2024.
- DINIZ, Natalia. Um sertao entre tantos outros. Sao Paulo, SP: Versal, 2015.
- ABREU, Jose Capistrano de. Capitulos de história colonial (1500-1800). 4a ed. Rio de Janeiro: Livraria Briquet, 1954.
- OLIVEIRA, Helio Coelho. Barro Vermelho da minha vida Juazeiro da minha gratidão. Juazeiro, Ba. Gráfica da cidade, 2021.
- OLIVEIRA, Helio Coelho. Entrevista concedida a Luiz Alberto Ribeiro Freire. Juazeiro, 30 jan. 2014.
- SANTOS, Ivete Ribeiro. Barro Vermelho – Historico e genealogia. Barra Bonita, SP: Solidum editora, 2022.
- OLIVEIRA, Helio Coelho. Entrevista concedida a Luiz Alberto Ribeiro Freire. Juazeiro, 30 jan. 2014.
- OLIVEIRA, João Coelho. Entrevista concedida a Luiz Alberto Ribeiro Freire. Juazeiro, 15 set. 2024.
- AMORIM, Jacqueline Oliveira. Entrevista concedida a Luiz Alberto Ribeiro Freire. Barro Vermelho, 15 set. 2024.
- OLIVEIRA, Helio Coelho. Entrevista concedida a Luiz Alberto Ribeiro Freire. Juazeiro, 30 jan. 2014.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico . Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 9–42, 1994. HYPERLINK "<https://doi.org/10.1590/S0101-47141994000100002>" DOI: 10.1590/S0101-47141994000100002. HYPERLINK "<https://revistas.usp.br/anaismp/article/view/5289>" Disponível em: <https://revistas.usp.br/anaismp/article/view/5289>.. Acesso em: 6 jun. 2025.

LUIZ ALBERTO RIBEIRO FREIRE

Doutor em História da Arte pela Universidade do Porto, Portugal (2001), com tese intitulada "A Talha Neoclássica na Bahia". Desenvolve pesquisas sobre a arte da talha nas igrejas baianas dos séculos XVIII e XIX, bem como sobre pintura e escultura sacras de tradição católica. É professor da Escola de Belas Artes da UFBA, atuando no PPGAV / EBA-UFBA. Vencedor dos prêmios Clarival do Prado Valadares, da Organização Odebrecht (2005), e Sérgio Milliet, da Associação Brasileira de Críticos de Arte – ABCA (2006). Integrou o Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do IPHAN e participa dos grupos de pesquisa MODOS e Perspectiva Pictorum.

luizfreire196@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/6943378023348996>

<https://orcid.org/0000-0002-1279-1503>